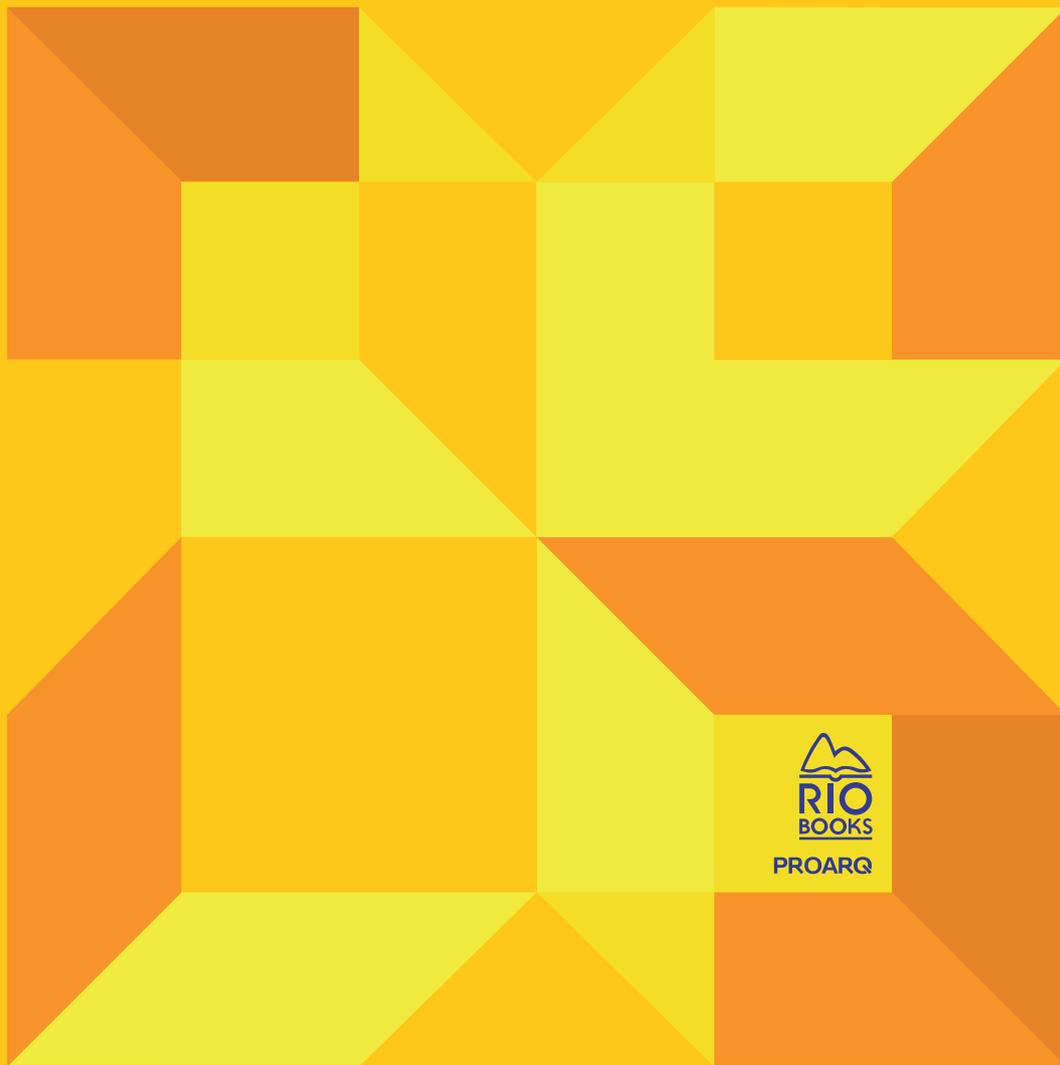


ARQUITETURA SUBJETIVIDADE E CULTURA

CENÁRIOS DE PESQUISA NO BRASIL E PELO MUNDO
CRISTIANE ROSE DUARTE_ETHEL PINHEIRO_ORGS.



RIO
BOOKS
PROARQ

ARCHITECTURE

SCENARIOS AND TRANSVERSAL PATHS FOR RESEARCH
CRISTIANE ROSE DUARTE_ETHEL PINHEIRO_ORG.



& CULTURE

SUBJECTIVITY

COPYRIGHT © 2020 DOS AUTORES

1ª EDIÇÃO / 1ST EDITION
RIO DE JANEIRO, 2020

**PROJETO EDITORIAL /
PRESS PROJECT**

LASC/PROARQ - PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

**COORDENAÇÃO EDITORIAL /
EDITORIAL COORDINATION**

CRISTIANE ROSE DUARTE
ETHEL PINHEIRO

**PRODUÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA /
EDITORIAL AND PRESS PRODUCTION**

DENISE CORRÊA
MARISTELA CARNEIRO

**REVISÃO DE TEXTOS /
TEXT REVIEWERS**

ETHEL PINHEIRO
ILANA SANCOVISCHI
LEONARDO MUNIZ
ALGO MAIS SOLUÇÕES

**CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO /
COVER, GRAPHIC DESIGN AND LAYOUT**

VINICIUS SCHELCK | SCHELCK STUDIO

TRADUÇÕES / TRANSLATIONS

INGLÊS E FRANCÊS PARA PORTUGUÊS / ENGLISH AND FRENCH TO PORTUGUESE

BARBARA THOMAZ
CRISTIANE ROSE DUARTE
ETHEL PINHEIRO
NATÁLIA RODRIGUES DE MELO

FRANCÊS E PORTUGUÊS PARA INGLÊS / FRENCH AND PORTUGUESE TO ENGLISH

ELIZABETH CONNOLLY
GOOD DEAL CONSULTORIA
LINGUÍSTICA

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO /
PRESS AND FINISHING**

RIO BOOKS



ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA URBANA, UMA CONTIGUIDADE PROBLEMÁTICA: CONTROVÉRSIAS E DISPUTAS NO CAMPO CIENTÍFICO¹

A cidade se embebe como uma esponja
dessa onda que reflui das recordações e se dilata.
(Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 2003)

1. Esta pesquisa foi apresentada durante o XVI Congreso de Antropología en Colombia/V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA), no simpósio *Desafíos de investigación sobre el urbano en Latinoamérica*, coordenado pelas professoras Cornélia Eckert (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e Ana Silva (UNICEN, Costa Rica), realizado em Bogotá, Colômbia, de 6 a 9 de junho de 2017. Uma versão expandida do texto foi publicada pelos autores na revista *Antropolítica*, n. 38, 1^o sem. 2015, sob o título *Além das ruínas: a arqueologia urbana como modo de reconhecer e fazer conhecer a cidade*.

Este capítulo analisa uma tentativa de aproximação e diálogo, no Rio de Janeiro do início dos anos 1980, entre estudos urbanos de várias áreas – arqueologia, antropologia, sociologia, história, arquitetura e urbanismo – no contexto da proposta de criação do Laboratório de Arqueologia Urbana (LAU) no Museu Nacional. Os autores retraçam detalhadamente o contexto e os desdobramentos de um projeto inovador (porém não implementado), inspirado pela então recente experiência etnográfica dos antropólogos Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello e do arquiteto e urbanista Orlando Mollica no bairro do Catumbi (*Quando a rua vira casa*, 1980). O debate sobre o projeto em questão, escrito em 1982 pelos antropólogos autores do referido livro, tira do esquecimento um pedaço importante da história urbana contemporânea do Rio de Janeiro.

O PROJETO EXUMADO

No início da década de 1980, uma tentativa de restituir o engajamento conversacional entre antropologia e arqueologia, disciplinas irmãs, foi a criação do projeto de instalação LAU, elaborado pelos professores Arno Vogel (Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense) e Marco Antonio da Silva Mello (Antropologia Cultural, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS/UFRJ). O convite para a sua formulação original partiu da professora Maria da Conceição Beltrão, à época responsável pelo setor de Arqueologia do Museu Nacional. O projeto foi resultado do ambiente de convivência próxima, permeado por almoços na cantina e longas conversas entre professores, estudantes, estagiários e bolsistas dessa instituição de ensino e pesquisa – entre eles os autores do projeto, sua proponente da área de arqueologia e outros tantos colegas do Departamento de Antropologia.

O diálogo frutífero em torno das questões abordadas no livro *Quando a rua vira casa*, de Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello e Orlando Mollica, motivou o gesto do convite de Maria da Conceição Beltrão a dois de seus autores, considerando a possibilidade de inauguração no Museu Nacional do subcampo da arqueologia urbana, ressaltando sua importância estratégica como lugar da inovação científica, em sintonia com a emergên-

cia das discussões sobre esse tema em países da Europa, como Grã-Bretanha, Bélgica, França e Portugal.

A partir de um estudo de caso sobre o bairro do Catumbi, afetado pela demolição de parte de seu antigo casario para a construção do viaduto da Linha Lilás, o livro trouxe a público a perspectiva da arqueologia urbana do *sistema construído* como um *sistema de memória*, capaz de despertar um poderoso dispositivo mnemotécnico nos moradores de áreas submetidas a rápidas e radicais transformações no espaço urbano. Segundo os autores:

O atual Catumbi é um território mapeado através de uma geografia fantástica. Eventuais restos são evocados como testemunhos de um conhecimento tornado meio inútil. É o caso de uma enorme chaminé; hoje um signo estranho e deslocado, único elemento que conseguiu sobreviver de toda uma fábrica de açúcar e que enfeita insolitamente um gramado.

'Aqui era o quarto de mamãe e ali o meu. Do outro lado morava meu irmão.' Em pé, no meio das pistas do eixo viário, o morador vai reconstituindo um espaço que ainda é real em sua cabeça. Recapitula como era a circulação de um cômodo a outro, põe de novo em seu lugar móveis e objetos domésticos. O suporte de antes, mesmo com o uso radicalmente alterado, segue sendo uma referência fundamental. A retórica de introdução ao Catumbi não esquece de restaurar oficinas, fábricas, casas de comércio. Sugere cheiros e gostos. Vai também introduzindo atores, ao lembrar acontecimentos que envolveram ciganos, ou portugueses, ou italianos, ou 'cariocas'. Relembra um pequeno escândalo espanhol; revive intrigas locais. (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 43-45).

O livro foi publicado inicialmente como relatório final, com o título *Apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*, do projeto de pesquisa "Espaço social e lazer: estudo antropológico e arquitetônico do bairro do Catumbi", elaborado, entre maio e dezembro de 1979, no Centro de Pesquisas Urbanas (CPU) do Instituto Brasileiro de Admi-

nistração Municipal (IBAM), sob o patrocínio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), com a colaboração do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), cuja proposta inicial para financiamento data de 19 de janeiro de 1978. Pesquisa de cunho interdisciplinar, dela participaram os antropólogos Arno Vogel, na qualidade de coordenador do projeto, e Marco Antonio da Silva Mello, que o consolidaram etnográfica e conceitualmente, e foram responsáveis por sua redação final. Participaram também o arquiteto-deseñista Orlando de Magalhães Mollica, o arquiteto-fotógrafo Paulo Pavel, o arquiteto-cineasta Sérgio Péo, a cineasta Tetê Moraes² e as pedagogas-sociólogas Magali Alonso de Lima e Zilda Clarice Martins Nunes; além do arquiteto e urbanista Carlos Nelson Ferreira dos Santos, à época coordenador do CPU-IBAM, autor da apresentação do livro datada de abril de 1980.

O referido trabalho, além das duas tiragens feitas pelo IBAM, respectivamente, em abril e junho de 1980, conheceria, logo no ano seguinte, sua segunda edição, revista e atualizada, com o título que passaria então a tornar o livro referência obrigatória na literatura sobre os estudos urbanos: *Quando a rua vira casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro* (1981). Após uma série de dificuldades de montagem, o filme *Quando a rua vira casa* finalmente ficou pronto no mesmo ano, sendo exibido em 29 de abril de 1981 no auditório da FINEP, no Rio de Janeiro.³ Rapidamente esgotada a segunda edição do livro, uma terceira edição veio a público em outubro de 1985, envolvendo, dessa vez, além do IBAM e da FINEP, a Editora Projeto, dirigida por Vicente Wissenbach em São Paulo, fundador e editor da revista de arquitetura Projeto. Uma quarta edição do livro foi publicada pela

2. Nomes artísticos dos cineastas Sérgio Casemiro Jucá dos Santos e Maria Teresa Porciúncula Moraes, que o substituiu na finalização do filme *Quando a rua vira casa* (1981). Sérgio Péo já havia antes realizado o filme *Rocinha 77* (1977), em que passeia com a câmera pelos labirintos da grande favela carioca, onde residiu por seis meses. Tetê Moraes, por sua vez, dirigiu depois o filme *Lajes, a força do povo* (1982), sobre uma experiência bem-sucedida de participação popular na administração municipal em Santa Catarina.

3. O título intrigante e preciso foi concebido pelo cineasta Tetê Moraes, porque o nome original do projeto soava muito amplo e inadequado para um filme. Sua sugestão, rapidamente acolhida, passou também a dar o nome que consagraria o livro a partir de sua segunda edição (1981), conforme revelada, após tantos anos a um auditório surpreso, durante uma exibição do filme no Instituto Pereira Passos, em 8 de junho de 2018, na inauguração do Auditório Carlos Nelson Ferreira dos Santos.

EdUff em 2017, a partir das matrizes felizmente conservadas por Vicente Wissenbach e pelo empenho editorial de seu diretor Aníbal Bragança. Uma introdução crítica, elaborada pelos professores Soraya Silveira Simões (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPPUR/UFRJ) e Felipe Berocan Veiga (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – PPGA/UFF), contextualizou a pesquisa etnográfica e ressaltou a atualidade de suas questões.

Essa experiência anterior de pesquisa de campo no Catumbi foi bastante favorável à aprovação do novo projeto pela mesma agência de fomento. Entretanto, um novo campo empírico foi proposto para o *LAU*: o bairro de São Cristóvão, na Zona Norte carioca, com vistas a compreender as transformações no *campus* vicinal da instituição. Ao considerar o entorno imediato do Museu Nacional como estudo de caso, conforme a tradição sociológica da Escola de Chicago, a equipe de pesquisadores estaria então diante de uma *sucessão* de formas de ocupação, quando o Bairro Imperial, de endereço nobre no século XIX, passou a ser um bairro industrial, por sua posição estratégica e invejável infraestrutura disponível. Em seguida, com a desindustrialização da área e a consequente precarização de seu sistema construído, veio a tornar-se um bairro decadente, em meio à construção de linhas ferroviárias, viadutos e avenidas atravessando seu perímetro ao longo do século XX.⁴ Entretanto, surgiam novos distritos industriais bem longe do centro urbano, no contexto das transformações da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

O LAU se estruturava em torno de um projeto-piloto, a partir de uma proposta de pesquisa de campo sistemática sobre o bairro de São Cristóvão, considerando as sucessivas ocupações do bairro, tal como antes realizado no estudo sobre o Catumbi. No setor de exposições do Museu Nacional, o projeto previa a organização de um pequeno ambiente que permitisse aos visitantes apreender o bairro e a cidade como um todo, a partir da apresentação de maquetes, plantas, perfis e objetos. É importante lembrar que então não havia museu carioca que considerasse a cidade seu objeto central, papel que hoje, por exemplo, o Museu de Arte do Rio (MAR) procura encarnar, no contexto dos megaeventos (LA BARRE, 2015).

4. Entre os grandes projetos viários que atravessaram o bairro, figuram a Estrada de Ferro Leopoldina (1926), a avenida Brasil (1946), o elevador do Gasômetro (década de 1950), a avenida Radial Oeste (anos 1960-70), a Linha 2 do Metrô Rio (1981) e a Linha Vermelha (1992).

No âmbito do Departamento de Antropologia, o projeto, embora de escopo reduzido e experimental, era considerado ambicioso. Apesar de ter sido entusiasticamente acolhido por seu caráter inovador, recomendado por pareceristas e com indicações de financiamento aprovado pelos consultores da FINEP, não saiu, entretanto, das promessas de papel. Sua tramitação posterior no Museu Nacional sofreria várias restrições, marcada por percalços da política departamental e por protocolos burocráticos e institucionais interrompidos, que teriam sido necessários para o cumprimento de exigências junto ao órgão de fomento para a implantação da proposta e consequente liberação dos recursos.

Diante das solicitações recentemente feitas pelo antropólogo Gabriel Ferreira Barbosa (PP-GA-UFF e Laboratório de Etnografia Metropolitana – LeMetro/IFCS-UFRJ) para fins desta publicação, a arqueóloga responsável pela Reserva Técnica do Museu Nacional, Angela Maria Camardella Rabello, gentilmente elaborou breve e preciso histórico da tramitação interna do projeto do LAU, entre julho de 1982 e abril de 1983:

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA URBANA – LAU/MN

Setor de Arqueologia/Museu Nacional/UFRJ – FNDCT/FINEP

Coordenação: Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão.

Histórico:

1. Julho/1982 – Solicitação para a instalação do Laboratório de Arqueologia Urbana, através de Ofício nº 286 de 30.07.82, guia 104/82, assinado pela Direção do Museu Nacional.
2. Janeiro/1983 – Resposta da FINEP: enquadramento do projeto nas linhas de Apoio do FNDCT como Consulta Prévia nº. 952/82, Projeto: Instalação de Laboratório de Arqueologia Urbana, documento nº 000927 de 25.01.1983. O documento prioriza *‘a realização da pesquisa piloto proposta, devendo a instalação de um laboratório de arqueologia urbana ficar para uma fase*

- posterior*'. Estabelece, ainda, o prazo de 60 (sessenta) dias para a entrega da Solicitação Formal de Financiamento em roteiro anexo, sem o qual o projeto seria automaticamente arquivado naquela Financiadora.
3. Março/1983 – Pedido de prorrogação do prazo para entrega da Solicitação Formal de Financiamento, Of. nº 101 de 10.03.83, assinado pelo Diretor do Museu Nacional, José Henrique Millan.
 4. Abril/1983 – Adiamento do pedido de auxílio para o projeto em carta do Diretor do Museu Nacional, José Henrique Millan, ao chefe do Departamento Regional e Social da FINEP, Celso Alves da Cruz” (RABELLO, A. M. C., 10/Ago/2015, com. pess.).

A partir das referências ao projeto identificadas e elencadas por Angela Rabello, contando ainda com o auxílio e as indicações de Claudine Borges Leite, secretária da Direção do Museu Nacional, Gabriel Barbosa encaminhou-se à Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR). Foi atendido pelo funcionário Jorge Dias Junior que, finalmente, disponibilizou o acesso ao acervo, tornando possível localizar a correspondência entre o Museu Nacional e a FINEP referente à proposta do LAU. A partir de outra consulta realizada junto ao órgão de fomento, Guida Wajnbergier (em 28 de julho de 2015), analista e coordenadora da área de logística da FINEP, enviou as seguintes informações por correio eletrônico: “Localizei somente o número de referência do projeto: 836/82 – UFRJ/Museu Nacional. Instalação do *Laboratório de Arqueologia Urbana – LAU/MN*, com a finalidade de aprofundar os estudos a respeito do desenvolvimento da sociedade urbana brasileira. [...] O projeto foi enquadrado em 10 de janeiro de 1983 e depois arquivado em 05 de maio de 1983”.⁵

5. Agradecemos aqui a Amélio Gabriel Machado, Claudine Borges Leite (Secretaria da Direção), Angela-Maria Camardella Rabello (Reserva Técnica) e Jorge Dias Junior (Seção de Memória e Arquivo – SEMEAR) no Museu Nacional, e a Guida Wajnbergier, na FINEP, pelos documentos importantes fornecidos para a realização deste artigo.

O arquivamento da proposta, tal como evidencia-se a partir da documentação aqui referida, põe fim às protelações, encerrando abruptamente as tratativas até então bem-sucedidas entre o órgão proponente e a agência financiadora. O expediente do diretor do Museu Nacional, dr. José Henrique Millan, interrompendo o projeto com financiamento aprovado é esclarecedor a esse respeito. Os argumentos que sobressaem da decisão de cancelar o pedido de auxílio estão distribuídos em três justificativas: a primeira é de ordem orçamentária e contábil; a segunda refere-se à sobreposição de atividades decorrentes de outro projeto no campo da arqueologia pré-histórica; e, finalmente, a terceira diz respeito à equipe técnica e à alegação da coincidência de seus compromissos.

O exame atento dos termos nos quais se estrutura o Ofício nº 176/83, contudo, permite alcançar outra ordem: o primeiro argumento referido revela o que outros arquivos não conservaram, ou seja, o orçamento total de Cr\$ 20 milhões ao longo de 24 meses de execução do projeto-piloto, de caráter experimental para a implantação do LAU.⁶ O motivo alegado no documento, de que “o índice da inflação para o período de dois anos [...] terá erodido essa verba antes do término de seu primeiro ano” era, na realidade, um falso argumento, uma vez que um órgão federal do porte da FINEP, comprometido com a promoção da pesquisa e do desenvolvimento científico-tecnológico, realizava todos os ajustes monetários e correções para o bom andamento dos projetos sob seu patrocínio.

O terceiro item, por sua vez, soa como um argumento de conveniência, pois os recursos humanos e técnicos para implantação do projeto-piloto, com pesquisas empíricas de caráter etnográfico no bairro de São Cristóvão, não exigiam uma equipe numerosa que onerasse o Setor de Arqueologia do Museu Nacional ou que prejudicasse a execução de qualquer outro projeto simultâneo. Arranjos de cooperação entre as instituições federais de ensino e pesquisa supririam perfeitamente a alocação de recursos humanos previstos desde o início para o bom andamento do projeto, com uma equipe sabidamente reduzida. Recaem, portanto, sob o segundo argumento, todas as marcas de uma escolha deliberada em favor da tradição disciplinar:

6. Segundo a tabela de correção monetária, o valor seria equivalente a R\$ 292 mil em 2015, ou a US\$ 76,6 mil pela cotação da época em que os documentos foram localizados.

Paralelamente, o Setor de Arqueologia obteve a confirmação da presença de professores das universidades de Indiana e Harvard no Projeto Central, a ser desenvolvido no estado da Bahia sob a coordenação do professor titular acima citado [Maria da Conceição Beltrão] e financiado pelo CNPq. Seu início está previsto para julho do ano em curso [1983], coincidindo com a execução do projeto de Arqueologia Urbana. (Ofício nº 176/83, MN-UFRJ, 18 de abril de 1983).

É, pois, esse item do ofício que traz o argumento definitivo, no qual o Setor de Arqueologia comunica à FINEP ter outras prioridades de pesquisa, previstas para o mesmo ano e já financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), reforçando sua filiação plena ao campo da arqueologia pré-histórica. O Projeto Central, que se desdobraria desde então até a atualidade, tinha o condão de reconstituir a ocupação humana pré-histórica no sertão da Bahia, explorando a planície calcária da Chapada Diamantina, no médio São Francisco, o que certamente exigiria coordenar uma logística complexa, administrar altos recursos humanos e financeiros, adquirir equipamentos e organizar excursões. Maria da Conceição Beltrão viria a encontrar ossos de animais pleistocênicos extintos, artefatos líticos e pinturas rupestres em novos sítios por ela identificados, como Toca dos Búzios, Toca do Aragão e Toca da Esperança, onde faria uma série de escavações importantes. A recepção a pesquisadores de notáveis universidades norte-americanas era fundamental para a legitimação de suas novas descobertas, na busca de certificação do projeto junto à comunidade acadêmica internacional e, ao mesmo tempo, de ampliação das alianças transdisciplinares desejadas com as ciências naturais, tais como a física, a química, a geologia, a botânica, a zoologia e a paleontologia.⁷ Diante desse quadro de alegações, não é de se estranhar, pois, que a arqueologia urbana não tenha prosperado naquele momento crucial.

7. Informações sobre o Projeto Central e publicações a seu respeito, de Maria da Conceição Beltrão e equipe, estão disponíveis no seguinte portal da internet: <http://www.projetocentral.com>.

O CAMPO EM DISPUTA

Face ao acima exposto, esperamos ter justificado nossa decisão, ao mesmo tempo que esperamos contar com o apoio dessa Fundação quando retomarmos o projeto de Arqueologia Urbana, que se destaca pelo pioneirismo neste campo de pesquisa arqueológica. (Ofício nº 176/83, MN-UFRJ, 18/04/1983)

O projeto do LAU trazia consigo uma aposta ousada com vistas ao alargamento do campo da disciplina no Brasil. A opção por seu cancelamento interromperia, de parte a parte, a possibilidade de abertura de um diálogo almejado entre a arqueologia histórica e os estudos urbanos. Contudo, seu cancelamento traz os signos da ambiguidade, com o reconhecimento institucional de seu caráter inovador, deixando no horizonte a possibilidade de sua realização futura, jamais concretizada. Sua proponente formal, embora inicialmente motivada com a ideia, não aceitou o desafio de se arriscar em uma área nova, tendo em vista os cálculos de seus custos e benefícios e as tendências de homogeneização no campo científico, concebido como um campo de disputa. Pois, segundo Pierre Bourdieu (1983, p. 126-127), “Não há ‘escolha’ científica [...] que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes”.

Os autores do projeto, Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello, embora pertencentes, na qualidade de professores-pesquisadores, a dois departamentos acadêmicos de universidades públicas federais (UFF e UFRJ), não tendo assento em nenhuma instância deliberativa no Museu Nacional, não puderam participar das decisões sobre seu cancelamento. Tampouco foram devidamente informados sobre sua tramitação interrompida ou mesmo sobre os argumentos evocados na correspondência com a agência financiadora. Diante do projeto frustrado e do embaraço entre seus proponentes, a publicação de um texto sobre o tema na *Revista de Arqueologia* seria logo depois proposta como uma espécie de reparação a seus autores. Assim, o artigo “Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana?” tornou-se conhecido ao ser publicado na *Revista de Arqueologia* (VOGEL; MELLO,

1984), fundada um ano antes por Maria da Conceição Beltrão. O periódico era originalmente editado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, publicado com apoio do CNPq e da FINEP, e mais tarde tornou-se revista oficial da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Em seus conselhos editorial e científico originais, figuravam, entre outros, Luciana Pallestrini,⁸ Salete Maria Neme,⁹ Gilberto Velho e Luiz de Castro Faria.

Os autores nem sequer tinham visto ainda o artigo publicado quando Castro Faria, de modo inesperado, surpreendeu Mello ao entrar em sua sala, varejando a revista em sua direção e indagando em alta voz: “Vão fazer buraco na rua agora?!?” Mais do que impertinência, o gesto súbito era uma espécie de alerta, por quem havia escrito os primeiros balanços sobre a arqueologia no Brasil e conhecia muito bem seus arranjos e condições situacionais – ou o *estado de coisas do campo* (*Sachverhalt*), como gostava de dizer. Em sua atitude, Castro Faria encarnava o papel da estrutura e das posições de poder, diante de uma instituição, um museu de história natural, e de sua conjuntura, onde as chances de sucesso naquela aposta eram muito reduzidas. Havia uma desproporção visível entre as partes envolvidas, e o projeto em jogo poderia parecer uma “jogada” (GOFFMAN, 2009), espécie de pretexto para uma afiliação espúria a uma instituição consagradora.

Apesar da manifestação histriônica de sua resistência à novidade, Castro Faria não desconhecia de todo as sugestivas propostas no campo da arqueologia industrial que chegavam ao Brasil na década de 1970 –sobretudo a partir das conferências realizadas pelo brasiliana-

8. Luciana Pallestrini foi orientanda do professor André Leroi-Gourhan em Paris, com quem aprendeu o método de *escavação de superfícies amplas*, que divulgou no Brasil a partir da criação do Projeto Parapanama e da estruturação do setor de Arqueologia no Museu Paulista (Universidade de São Paulo – USP), na década de 1970. Leroi-Gourhan, por sua vez, havia sido vice-diretor do Musée de l’Homme, onde supervisionou o estágio de Luiz de Castro Faria, e sucessor de Marcel Griaule na Sorbonne na década de 1950, atuando na cátedra de Pré-História no Collège de France entre 1969 e 1982.

9. Salete Maria Neme foi assistente de Maria da Conceição Beltrão no Museu Nacional, integrante da equipe do Projeto Central. Como historiadora de formação, realizou seus estudos acadêmicos em Arqueologia Histórica, sob orientação de Eulalia Lameyer Lobo (mestrado) e Francisco Falcon (doutorado) no IFCS/UFRJ. Agradecemos aqui a Salete Maria Leme e a Luiz Felipe Baêta Neves (Museu Nacional – UFRJ e Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ) pelos esclarecimentos recentes, que permitiram reconstituir a ambiência intelectual do Setor de Arqueologia e suas complexas relações no Departamento de Antropologia do Museu Nacional.

nista Eddy Stols, professor emérito da Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, e também por José Amado Mendes, na ocasião professor de História Econômica da Universidade de Coimbra. Mendes é autor de estudos sobre a indústria de vidros em Leiria, Portugal, em funcionamento desde a primeira metade do século XVIII, e seu papel modernizador durante o reinado de d. João V.¹⁰

Como professor titular e um dos fundadores do PPGA-UFF, a convite de suas colegas e ex-alunas Aydil de Carvalho Preiss e Ismênia de Lima Martins, Castro Faria não só esteve presente às conferências como as difundiu entusiasticamente entre seus colegas e alunos. Quando o recém-criado PPGH-UFF recebeu o historiador *flamand* como conferencista, Eddy Stols desenvolvia um programa de pesquisa nos marcos teóricos da história econômica, tendo como propósito investigar o capitalismo belga e sua expansão nos países periféricos. No caso brasileiro, algumas fábricas de tecido de capital belga, coincidentemente, encontravam-se nas cidades de Niterói e São Gonçalo, nos bairros industriais do Barreto e de Neves. Sua pesquisa visava reconstituir o espaço construído e os processos fabris, considerando os recursos tecnológicos disponíveis no século XIX e início do século XX, tais como a construção de canais, comportas e eclusas, e o uso expressivo da arquitetura metálica em estações ferroviárias, portos, pontes, moinhos, silos, faróis, mercados, galerias e fábricas.

Após sua conferência sobre arqueologia industrial, Eddy Stols realizou, na companhia de sua colega Maria Célia Falcon, professora de História da UFF, uma espécie de visita guiada de caráter exploratório a essas fábricas, muitas delas já fechadas, e a antigos esqueletos de instalações industriais. Esse encontro gerou uma relação de amizade duradoura entre historiadores fluminenses e o conferencista, que retornaria outras vezes ao Brasil, e em 1994 receberia três colegas da UFF e da UFRJ em Bruxelas: Francisco Falcon, Maria Célia Falcon e Maria Yedda Linhares. Assim como Lille, no norte da França, a região de

10. Agradecemos aos professores Francisco Falcon (professor emérita da UFF e da UFRJ), Maria Célia Falcon (UFF), César Honorato (UERJ e UFF), Antonio Edmilson Martins Rodrigues (UERJ e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ) e Aydil de Carvalho Preiss (UFF) pelas informações e conversas que permitiram reconstituir o campo da arqueologia industrial e da história econômica no Brasil, a partir da década de 1970. Wagner Neves Rocha (UFF) também foi de fundamental ajuda para a busca de informações e contatos a esse respeito.

Flandres, no norte da Bélgica, conheceu intensa industrialização, seguida de processos de desindustrialização, o que permitia considerar as transformações no espaço e seus testemunhos materiais em distintas fases da Revolução Industrial.

Para além do projeto engavetado, por que motivos, afinal, a inserção da área de arqueologia urbana nos cursos de Arqueologia não vingou, mesmo posteriormente? Quais seriam os problemas, os *enjeux*, as perdas e ganhos na aproximação entre as duas disciplinas, uma vez que a arqueologia é o passado da antropologia (HUDSON, 1976, p. 17), conforme a clássica definição? Ao analisar o campo e suas vicissitudes, é de se notar que a arqueologia esteve por décadas no Museu Nacional sem nenhum tipo de vínculo com a pós-graduação. E mesmo quando tardiamente se institucionaliza como área na universidade, a arqueologia urbana não se torna disciplina regular e obrigatória em cursos de graduação nem de pós-graduação em Arqueologia.¹² Só mais recentemente, antropólogos trabalha-

11. O primeiro curso de graduação em Arqueologia no Brasil, atualmente extinto, foi criado por Osvaldo Heredia nas Faculdades Integradas Estácio de Sá em 1979, onde dois anos depois foi fundada a Sociedade de Arqueologia do Brasil (SAB). A partir de 2005, vários cursos de graduação surgiram na área: três na região Norte (Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA), quatro no Nordeste (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e Universidade Federal de Sergipe – UFS), um no Centro-Oeste (PUC-GO), três no Sudeste (UERJ, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES) e dois no Sul (Universidade Federal de Pelotas – UFPel e Universidade Federal do Rio Grande – FURG). Interessante observar que boa parte desses cursos prosperou próxima a sítios arqueológicos, ou seja, a poucas horas do canteiro de obras dos profissionais no campo, distantes, por sua vez, dos gabinetes consagrados das coleções museográficas.

12. Desde 1972, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) oferece a mais antiga pós-graduação em Arqueologia do país, quando criou essa área de concentração no mestrado e doutorado em Antropologia e, em 2004, constituiu seu programa independente. Em parceria com a Fundação Museu do Homem Americano (FUNDHAM), foi criado o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE em 2002. Quatro anos depois, foram criados o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) do Museu Nacional (UFRJ) e o PPGAN/UFMG, que oferece áreas de concentração em Antropologia Social e Arqueologia. Em 2008, na UFPI, surgiu o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAARq). Dois anos mais tarde, o Proarq no *campus* Laranjeiras da UFS e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGA/UFPA iniciaram suas atividades, esse último com áreas de concentração em Arqueologia, Antropologia e Bioantropo-

riam em consórcio com arqueólogos e historiadores, no contexto dos projetos de consultoria ambiental e laudos periciais. A respeito das diferenças implícitas e explícitas no campo disciplinar, o arqueólogo Rossano Lopes Bastos (2015, p. 1-2)¹³ esclarece em entrevista:

A Arqueologia, diferentemente da Antropologia, no Brasil, ainda se caracteriza por uma disciplina em formação, ao passo que a Antropologia já se constitui numa disciplina com um corpo teórico mais amadurecido. Esta relação se dá, principalmente, em função dos objetos estudados por cada uma delas e pelo fato de a Arqueologia ter se desenvolvido mais lentamente, no Brasil. Se, por um lado a Antropologia tem seu nascedouro dentro dos museus, a Arqueologia nasce para os museus, isto é, para alimentá-los com a cultura material e aqui lembramos o 'período do colecionismo'. Enquanto a Antropologia sai dos museus para o campo e a academia, a Arqueologia sai da academia e do campo para os museus.

[...] A Arqueologia e a Antropologia vivem um momento de tensão sem que uma efetiva e desejável aproximação construa aportes transversais de entendimento e de utilização mútuos. No Brasil, infelizmente, a Antropologia ainda não reconhece a Arqueologia como uma disciplina irmã, e sim, uma filha bastarda. Por outro lado, os arqueólogos, lidando com um campo extremamente vasto, interdisciplinar e transversal têm procurado afirmar a Arqueologia como uma disciplina independente,

logia. Em 2012, surgiu o Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt/UFPel, com áreas de concentração em Antropologia Social e Cultural e em Arqueologia. Ver, a esse respeito, Bezerra (2008), Prous(2013) e Sousa(2015).

13. Rossano Lopes Bastos é graduado em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), tem especialização em Arqueologia Pré-Histórica pelo Museu Nacional, mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). É arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1985 e foi presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira entre 2005 e 2007.

mesmo que, no passado, a Arqueologia tenha sido uma disciplina mais importante que a Antropologia.

Nesse contexto de diferenças cultivadas e de busca por legitimidade na *hierarquia dos objetos*, a arqueologia urbana foi se associar à arqueologia industrial, diante do interesse despertado pelo assunto em pesquisadores da área da história econômica, tais como Eulália Maria Lahmeyer Lobo, autora de pesquisas sobre o capitalismo industrial e o contexto operário no Rio de Janeiro, e Bárbara Levy, que investigava a memória do mercado de capitais. Eddy Stols e seus colegas Francisco Falcon e Antonio Edmilson Martins Rodrigues, juntamente com seu ex-aluno César Honorato, chegaram mesmo a esboçar um projeto nessa área, que “não teve continuidade por falta de interesse institucional”.

Assim, a arqueologia industrial também não vingou plenamente nos cursos de graduação e pós-graduação em História, dessa vez por questões referentes à redução dos estudos em história econômica que marcaram o campo disciplinar nas décadas de 1970 e 1980, permeado por disputas internas entre as abordagens marxistas, de um lado, e quantitativistas, de outro. O debate que dividia os historiadores inviabilizou posteriormente o maior fomento da história econômica e, com ela, o florescimento da arqueologia industrial no Brasil, diante da cotação dessa área em baixa no mercado acadêmico de então. Rejeitado pela segunda vez, o tema migrou de modo marginal para o campo de arquitetura e urbanismo, como única área que finalmente se interessou por seus objetos empíricos, tais como plantas industriais, edifícios históricos, maquinaria, traçados e equipamentos urbanos.

Após mais de três décadas, a oportunidade de publicação dos originais do projeto do LAU traz à tona a densidade das questões teóricas e metodológicas apresentadas que ainda permanecem atuais, *vis-à-vis* à simplicidade do texto. A *evidenciação* dos termos do projeto é também, desse modo, a proposta de exumação de uma interlocução perdida em um campo marcado por disputas. A respeito da disciplina, o arqueólogo Richard B. Woodburry (1974, p.533, tradução nossa) sentenciou:

A Arqueologia pode definir-se como a Antropologia de culturas extintas. [...] A Arqueologia pode considerar-se também como uma série de técnicas especializadas para se obter dados culturais do passado, dados que podem ser utilizados por antropólogos, historiadores, críticos de arte, economistas ou quaisquer outros especialistas interessados pelo homem e suas atividades. Esse ponto de vista tem a vantagem de eliminar o problema de determinar se Arqueologia é Antropologia ou História e permite abarcar os diversos e, às vezes, incompatíveis fins para os que se utilizam dos dados e conclusões arqueológicas. A maior contribuição da Arqueologia reside na profundidade histórica com que complementou os estudos sincrônicos da Antropologia sobre sociedades de todas as partes do mundo.

Não raro, no campo das ciências humanas, a arqueologia esbarra no problema epistemológico de uma ciência confundida com seus métodos e técnicas, ao reificar a dimensão diacrônica sob a espécie da *escavação*. Contrastivamente, a proposta de uma arqueologia urbana evidencia, na contemporaneidade, a copresença de várias temporalidades simultâneas num mesmo sistema de estruturas: a urbe e seu sistema construído.

Finalmente, a arquiteta Beatriz Mugayar Kühl (2010, p. 26), ao mapear o debate conceitual, a problematização das periodizações e a dispersão das categorias empregadas nos novos estudos em arqueologia industrial, chama atenção para o seguinte aspecto fundamental importância de para nosso argumento:

Outro ponto a ser discutido é o próprio uso da palavra ‘arqueologia’, tema de numerosas controvérsias ao longo das décadas de 1970 e 1980, pois certos autores contestavam seu emprego a esse propósito, questionando a pertinência para casos em que não fosse necessário o emprego de métodos da arqueologia ‘tradicional’ (em especial escavações) e em que não existissem testemunhos materiais da atividade produtiva. Mas a ar-

queologia industrial pode ser entendida de maneira ampla, como enfatiza Hudson, que evidenciou a largueza semântica da palavra ‘arqueologia’, associando-a a fases passadas de manifestações humanas.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, R. L. Arqueologia no Brasil:atualizando o debate. **Comunidade Virtual de Antropologia**, n. 39. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/466381345/Rossano-Lopes-Bastos-Arqueologia-No-Brasil-Atualizando-o-Debate>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 139-154, 2008.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n. 39).
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.
- GOFFMAN, E. Acalmando o otário: alguns aspectos de adaptação à falha. **Plural – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 195-211, 2009.
- HUDSON, K. **Industrial archaeology: a new introduction**. 3. ed. London: Baker, 1976.
- KÜHL, B. M. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 3, p. 23-30, 2010.
- LA BARRE, J. de. O espaço carioca entre espetáculo e resistência. In: CUNHA, N. V. da; FREIRE, L. de L.; MARTINS, M. M.; VEIGA, F. B. (org.). **Antropologia do conflito urbano: conexões Rio-Barcelona**. Rio de Janeiro: Lamparina; LeMetro/IFCS-UFRJ, 2015.
- PROUS, A. As muitas arqueologias das Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, Diamantina, v. 2, n. 2, p. 36-54, 2013.
- SOUSA, J. C. M. de. Como se tornar um arqueólogo no Brasil: lista de cursos. **Arqueologia e Pré-História**, 19 dez. 2019. Disponível em: <http://arqueologiaeprehistoria.com/o-que-e-arqueologia/como-se-tornar-um-arqueologo-no-brasil>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Lições da rua: o que um racionalista pode aprender no Catumbi. **Arquitetura Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-79, 1983.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana? **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 2, n. 2, p. 46-50, jul./dez. 1984.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; MOLLICA, O. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em centro de bairro**. 4. ed. Niterói: EdUff, 2017.
- WOODBURRY, R. B. Arqueologia:objeto. In: SILLS, D. L. (dir.). **Enciclopedia Internacional de lasCienciasSociales**. Madrid: Aguilar, 1974.v. 1, p. 533-540.

FELIPE BEROCAN VEIGA

Possui doutorado (2011) e mestrado (2002) e pós-doutorado (2015 e 2011) em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Graduação em Comunicação/Jornalismo (1997) pela Universidade de Brasília – UnB. Professor Adjunto do Departamento de Antropologia (GAP/ICHF-UFF) desde 2015. Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense – PPGA/ICHF-UFF (desde 2017). Atua como pesquisador do LeMetro/IFCS-UFRJ e do INCT-InEAC/UFF.

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

Doutor em Antropologia (Ciências Sociais) pela USP (1995), com Pós-doutorado no Département de Sociologie da Université de Paris X-Nanterre (2000-2001). Especialização em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional - PPGAS/MN-UFRJ (1980). Bacharel em Ciências Sociais pela UFF (1975). Professor associado do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – DAC/IFCS-UFRJ desde 1978. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – PPGA/ICHF-UFF desde sua fundação, em 2004. Professor do Departamento de Antropologia – GAP/ICHF-UFF (1976-2014). Coordenador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ). Pesquisador sênior do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-InEAC/CNPq).



ANTHROPOLOGY AND URBAN ARCHAEOLOGY, A PROBLEMATIC RELATIONSHIP: CONTROVERSIES AND CONFLICTS IN THE SCIENTIFIC COMMUNITY¹

As this wave from memories flows in,
the city soaks it up like a sponge and expands.
(Ítalo Calvino, *Invisible Cities*, 2003)

1. This research was presented at the *XVI Congreso de Antropología en Colombia / V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA)*, at *Desafíos de investigación sobre el urbano en Latinoamérica* symposium held in Bogota, Colombia, from June 6 to 9, 2017, which was coordinated by Professors Cornélia Eckert (Federal University of *Rio Grande do Sul* - UFRGS) and Ana Silva (UNICEN, Costa Rica). An expanded version of the text was published by the same authors in the journal *Antropolítica*, n. 38, 1st sem. 2015, under the title *Beyond ruins: urban archaeology as a means to make cities acknowledgeable*.

This chapter approaches studies on several urban fields, such as archaeology, anthropology, sociology, history, architecture and urbanism, which accounted for the establishment of an Urban Archaeology Laboratory (UAL) in the National Museum of Rio de Janeiro in the early 1980s. It addresses the history and development of this innovative project, which was inspired by ethnographic research on Catumbi neighborhood (*When the street becomes home*, 1980) by anthropologists Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello and architect-urban planner Orlando Mollica. The present discussion about the project written by the aforementioned anthropologists in 1982 saved a crucial fraction of Rio de Janeiro City's modern urban history from oblivion.

THE UNVEILED PROJECT

UAL project was developed in the early 1980s to restore the relationship between twin subjects: anthropology and archaeology. It was launched by Professors Arno Vogel (Architecture and Urban Planning, Fluminense Federal University) and Marco Antonio da Silva Mello (Cultural Anthropology, Institute of Philosophy and Sociology, Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ). The project was encouraged by Professor Maria da Conceição Beltrão - Head of Archaeology at the National Museum of Brazil. Close social interaction at lunch time in the cafeteria and long conversations among teachers, students, interns and scholars in the Federal University of Rio de Janeiro gave birth to the project. The group comprised project authors, its archeologist in chief and many other colleagues from the Anthropology Department.

A discussion about the book *When the street becomes home*, by Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello and Orlando Mollica encouraged Maria da Conceição Beltrão to invite two of them to join her project and introduce the urban archaeology subfield in the National Museum of Brazil. The project held strategic relevance due to its scientific innovation potential in the archaeology field, at the time. This topic was already under discussion in European countries, such as Great Britain, Belgium, France and Portugal.

The aforementioned book was based on a case study about Catumbi neighborhood, which was affected by the demolition of part of its old houses in order to open room for *Linha*

Lilás Bridge construction site. The book outspread the urban archaeology and turned the built system into memory systems to encourage powerful mnemonic devices in citizens living in urban spaces subjected to fast and radical changes. The authors state the following:

Catumbi neighborhood is currently surrounded by a rich geographical landscape. Eventual remains are portrayed as witnesses of knowledge rendered almost useless, as is the case of a huge chimney — today a strange and outdated object that unusually garnishes a lawn; it is the only element that has managed to survive from an entire sugar factory.

'This was mom's room and that one was mine. My brother's room was on the other side.' As they stand in the middle of the road, residents recreate spaces that are still alive in their minds. They recalled how the passage from one room to another was like bringing furniture and household objects back to their old places. Although the streets have been radically altered, memories remain a fundamental reference for the old spaces. The rhetorical description of *Catumbi* revives establishments such as workshops, factories and shops. It suggests smells and tastes. It also introduces readers to former residents who recall events involving gypsies, Portuguese people, Italian people or even 'cariocas'. It recalls a small Spanish scandal and revives local intrigue. (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 43-45) (Translated by the author).

The first edition of the book was the final report of the (*Public space appropriation in the center of a neighborhood*) research project "Social space and leisure: anthropological and architectural study of Catumbi neighborhood". The project was carried out at the Urban Research Center (CPU) of the Brazilian Institute of Municipal Administration (IBAM), from May to December 1979. It was jointly sponsored by the Funding Authority for Studies and Projects (FINEP) and the National Fund for Scientific and Technological Development (FONDECYT), whose funding proposal dates back to January 19, 1978. The interdisciplinary research was carried out by anthropologists Arno Vogel (project coordinator) and Mar-

co Antonio da Silva Mello, who consolidated the project's ethnography and concepts, and were also in charge of its final writing. The project counted on the collaboration of architect and designer Orlando de Magalhães Mollica; architect and photographer Paulo Pavel; architect and filmmaker Sérgio Péo; filmmaker Tetê Moraes²; social pedagogues Magali Alonso de Lima and Zilda Clarice Martins Nunes; and architect and urban planner Carlos Nelson Ferreira dos Santos (at the time, he was CPU-IBAM coordinator and author of introduction of the book - dated April 1980).

In addition to the two print runs by IBAM in April and June 1980, the second edition of the aforementioned book was published in the following year (1981). It was revised, updated and given a title that made it a benchmark in the urban studies field: *When the street becomes home - Public space appropriation in the core of a neighborhood* (1981). After a series of editing hardships, the movie *When the street becomes Home* was produced and finished in the same year. The movie was launched in April 29, 1981 at FINEP auditorium in Rio de Janeiro City.⁵ The second edition of the book was quickly sold out, so a third edition was published in October 1985 by IBAM, FINEP and Editora Projeto (managed by Vicente Wissenbach - founder and editor of the architecture magazine *Projeto*) in São Paulo City. A fourth edition was published by EdUff in 2017, based on the main features gladly preserved by Vicente Wissenbach and on the editorial efforts of its director Aníbal Bragança. The critical introduction developed by Professor Soraya Silveira Simões (Institute of Urban and Regional Research and Planning of Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ) and Felipe

2. Artistic names of filmmakers Sérgio Casemiro Jucá dos Santos and Maria Teresa Porciúncula Moraes, who replaced him at the end of the movie *When the street becomes home* (1981). Sérgio Péo had previously directed the movie *Rocinha 77* (1977), in which he walks around to record through the labyrinths of the great Rio favela, where he lived for six months. Accordingly, Tetê Moraes directed the movie *Lajes, a força do povo* (1982), which addresses a successful popular participation in municipal government in Santa Catarina State.

3. The intriguing and precise title was conceived by filmmaker Tetê Moraes. It was promptly approved, as the original title seemed too broad and inappropriate for a movie. The new title was also attributed to the project's book, which earned public recognition after its second edition (1981). Many years later, the movie screening (June 8, 2018, Pereira Passos Institute, at the launching of Carlos Nelson Ferreira dos Santos Auditorium) earned the amazed reaction of the audience.

Berocan Veiga (Anthropology Graduate Program at *Fluminense* Federal University - FFU) contextualized the ethnographic research and highlighted the topics of its issues.

The previous field study experienced in *Catumbi* neighborhood helped UAL approval by the same agency that had supported it. Nevertheless, a new field was proposed for the project: *São Cristóvão* neighborhood, Northern Rio de Janeiro. This neighborhood could help understanding the changes observed in the *campus* surrounding the National Museum of Brazil. The immediate surroundings of the National Museum were selected for a case study, based on the tradition of the Chicago School of Sociology. The research team discovered *successive* occupations in *Imperial de São Cristóvão* neighborhood (in the 19th century) throughout the study, due to its strategic location and enviable infrastructure after the industrialization process. However, its building system was affected by the deindustrialization process; therefore, the neighborhood became decadent amidst the railway lines, bridges and avenues built along its boundaries in the 20th century.⁴ Meanwhile, new industrial districts emerged far from the urban center, amidst transformations within Rio de Janeiro metropolitan region.

UAL started as a pilot project to develop a systematic field research on *São Cristóvão* neighborhood due to its successive social occupations, as previously observed on *Catumbi*. Researchers envisioned a small exhibition area in the National Museum that could allow visitors to seize *São Cristóvão* neighborhood and the whole city through scale models, plants, profiles and objects. It is worth recalling that the city was not chosen as the main attraction of Rio de Janeiro museums, at the time. Nowadays, however, museums such as Rio Art Museum (MAR) seek to embody this role during big events (LA BARRE, 2015).

Despite its limited experimental scope, the Department of Anthropology considered the project ambitious. Although the innovative research was enthusiastically welcomed, recommended by reviewers and approved by FINEP consultants, ideas in the paper did not come to reality. The project faced excessive bureaucratic requirements by the departmen-

4. The major road projects of *São Cristóvão* neighborhood were featured in the following movies: *Estrada de Ferro Leopoldina* (1926), *Avenida Brasil* (1946), *Elevado do Gasômetro* (1950s), *Avenida Radial Oeste* (1960s-70s), *Linha 2 do Metrô Rio* (1981) and *Linha Vermelha* (1992).

tal policy and institutional protocols of National Museum of Brazil, which were necessary for publication approval by the supporting agency and for subsequent funding approval.

Given the recent requests by anthropologist Gabriel Ferreira Barbosa (PPGA-UFF and Urban Ethnography Laboratory - LeMetro / IFCS-UFRJ) to publish the project, the archaeologist in charge of the National Museum's Reserve Collection, Angela Maria Camardella Rabello, kindly elaborated a brief and precise history of UAL project's internal procedures, from July 1982 to April 1983:

URBAN ARCHAEOLOGY LABORATORY – UAL / MN

Department of Archaeology / National Museum / UFRJ – FONDECYT / FINEP

Management: PhD Professor Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão.

History:

1. July 1982 – Request for Urban Archaeology Laboratory installation, by Official Letter No. 286 of 07.30.82, guidebook No. 104/82, signed by the National Museum Director's Council.
2. January 1983 – FINEP's reply: The project was framed as Prior Consultation No. 952/82, based on FONDECYT's support lines. Project: Urban Archaeology Laboratory installation, document No. 000927 from January 25, 1998. The document prioritizes *'the proposed pilot research, therefore the UAL installation project shall be scheduled for later'*. The agency also established a 60 (sixty)-day deadline for the Formal Funding Request submission as attached file. The project shall be automatically filed by the funding agency; the deadline should not be met.
3. March 1983 – Deadline extension request for Formal Funding Request submission, Official Letter No. 101 of 10.03.83, signed by the National Museum Director José Henrique Millan.

4. April 1983 – Letter on project postponement, funding request by the National Museum Director José Henrique Millan to the Head of FINEP Regional-Social Department, Celso Alves da Cruz (RABELLO, AMC, Aug 10, 2015, pers. comm.).

Gabriel Barbosa visited the Memory and Archive Section (SEMEAR) through project references identified and catalogued by Angela Rabello, with the help and recommendations by Claudine Borges Leite, secretary-general of the National Museum. He was welcomed by official Jorge Dias Junior, who provided access to the much-wanted collection. It allowed access to correspondence exchanged between the National Museum and FINEP about UAL. Guida Wajnbergier (on July 28, 2015) - logistics analyst and coordinator at FINEP - sent the following information by email after another consultation to the funding agency: “I only found the project’s reference number: 836/82 – UFRJ/National Museum. Installation of the *Urban Archaeology Laboratory – AUL/MN*, aimed at in-depth studies on the development of Brazilian urban society. [...] The project was framed on January 10, 1983 and filed on May 5, 1983”.⁵

Proposal filing put an end to postponements and abruptly ceased the so far successful agreements between the proposing and funding agencies, as evidenced by the aforementioned documents. This case is enlightened by José Henrique Millan, National Museum director, who evidenced the cancellation of a project whose funding had already been approved. There were three main arguments for the decision to cancel the aid application: limited budget and accounting; overlap by another project on prehistoric archaeology; technical staff’s allegation of schedule overlap with the UAL project.

The careful examination of allegations in Official Letter n. 176/83 led to the following conclusions: files lacked budget data, i.e., the total budget of Cr\$ 20 million over 24 months

5. The authors would like to thank Amélio Gabriel Machado, Claudine Borges Leite (Directorate Secretariat), Angela Maria Camardella Rabello (Technical Reserve) and Jorge Dias Junior (Memory and Archive Section – SEMEAR) from the National Museum, and Guida Wajnbergier, from FINEP, for the important documents provided for the accomplishment of this article.

of experimental pilot project execution for UAL's establishment.⁶ Therefore, documental allegation that "the inflation rate [...] will have surpassed that amount before the end of the first year of the project" was actually a false argument, since federal government agencies, such as FINEP, which fosters scientific and technological research and development, carry out all monetary restatements and corrections for the smooth running of projects under their sponsorship.

Yet, the third argument seemed quite *pro forma*, as human and technical resources to implement the pilot project (ethnographic-empirical research in *São Cristóvão* neighborhood) did not require a large staff, which could encumber the Department of Archaeology or impair the conduction of any competing project. Cooperation between governmental educational institutes and research institutes could perfectly allocate human resources previously planned for the smooth running of the project to be carried out by a small staff. Therefore, the second argument reveals all signs of a deliberate favoritism towards academic tradition, as follows:

The Department of Archaeology concurrently received confirmation about the contribution from Indiana and Harvard professors to the Central Project, which was carried out in Bahia State under the coordination of the aforementioned professor [Maria da Conceição Beltrão] and funded by CNPq. The project was scheduled to begin July 1983, thus coinciding with the Urban Archaeology Laboratory project execution. (Official Letter n. 176/83, MN-UFRJ, April 18, 1983) (translated by the author).

The aforementioned excerpt disclosed the ultimate argument: the Department of Archaeology notified FINEP that it had other research priorities scheduled for the same year that were funded by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). This notification reinforced the Council's full affiliation to the prehistoric archaeology field.

6. According to the currency exchange table, the amount was equivalent to approximately R\$ 292.000 in 2015, or to US\$ 76.600 - based on the exchange rate at the time the documents were found.

The Central Project would unfold as it had the potential to resurrect the prehistoric human occupation in Bahia State hinterlands through the exploration of *Chapada Diamantina* limestone plain, mid-São Francisco. This exploration required the ability to manage complex logistics and expensive physical and financial resources, acquire equipment and organize trips. Maria da Conceição Beltrão found the bones of extinct Pleistocene animals, lithic artifacts and rock paintings in new places identified by her, such as Toca dos Búzios, Toca do Aragão and Toca da Esperança, where she performed several important excavations. Welcoming researchers from outstanding North American universities was essential to legitimize the new discoveries and for the project to be acknowledged within the international academic community. Moreover, it could further set the highly-sought-after transdisciplinary link among natural sciences, such as physics, chemistry, geology, botany, zoology and paleontology.⁷ Accordingly, it is not surprising that urban archaeology did not prosper as research field at that crucial moment.

THE DISPUTED KNOWLEDGE FIELD

In view of the forgoing, the authors hope to have justified their decision and expect to obtain the support from your Foundation upon the resumption of the Urban Archaeology project, which stands out for bringing novelty to the archaeological research field. (Official Letter n. 176/83, MN-UFRJ, 04/18/1983) (Translated by the author)

UAL project was a daring initiative to broaden the Archaeological field in Brazil. Hence, its cancellation could impair the forge of a much-desired link between historical archaeology and urban studies. Accordingly, UAL cancellation entailed ambiguous meanings: while the project earned institutional acknowledgement for its innovative nature, its conduction remained a prospect hung on the horizon, never to be materialized. Although its formal

7. Data on the Central Project and its publications by Maria da Conceição Beltrão and collaborators is available at: <http://www.projetocentral.com>.

proposer was initially motivated by an idea, she did not accept taking risks in a new field, due the benefit-cost ratio and to the homogenization trend of projects in the scientific community; these academic fields are considered controversial by the scientific community. Pierre Bourdieu (1983, p. 126-127) argues that “No scientific ‘choice’ [...] comes without a political investment strategy objectively oriented towards maximum scientific profitability, i.e., towards earning the recognition of peer-competitors” (translated by the author).

Project authors Arno Vogel and Marco Antonio da Silva Mello were not given any say in project cancellation decisions as they had no seat in the deliberative assemblies of the National Museum, although they were Research Professors at two academic departments in federal universities (UFF and UFRJ). In addition, they were not properly informed about the interruption of their process or even about the arguments raised in the correspondence exchanged with the funding agency. In view of the frustrated project and of the embarrassment inflicted on its proposers, the authors were invited to publish the project's subject in *Revista de Arqueologia* (Archaeology Magazine) as some kind of compensation. Thus, the article “Building systems and social memory: Urban archaeology?” was acknowledged after its publication in *Revista de Arqueologia* (VOGEL; MELLO, 1984), which was launched a year earlier by Maria da Conceição Beltrão. The journal was originally edited by Museu Paraense Emílio Goeldi, and published under financial support by CNPq and FINEP. Eventually, it became the official journal of the Brazilian Archaeology Society (SAB). Its former scientific editorial board included Luciana Pallestrini,⁸ Salete Maria Neme,⁹ Gilberto Velho and Luiz de Castro Faria, among others.

8. Luciana Pallestrini was guided by Professor André Leroi-Gourhan in Paris, with whom she learned the deep excavation method. Over the 1970s, she disseminated this method in Brazil through the Parapanema Project and the establishment of the Department of Archaeology at Museu Paulista (University of São Paulo – USP). Meanwhile, Professor Leroi-Gourhan had been deputy director of Musée de l'Homme — where he guided the intern Luiz de Castro Faria — and succeeded Marcel Griaule (1950s) at Sorbonne University in the 1950s. He also held the Chair of Prehistory at Collège de France, from 1969 to 1982.

9. Salete Maria Neme was Maria da Conceição Beltrão's assistant at the National Museum and member of the Central Project team. She carried out her academic studies in Historical Archaeology as graduated historian under the guidance of Eulalia Meyer Lobo (master's degree) and Francisco Falcon (PhD) at IFCS / UFRJ. The authors would like to thank Salete Maria Leme and Luiz Felipe Baêta Neves (National Museum – UFRJ and State University of Rio de Janeiro – UERJ) for their recent clarifications, which allowed the restoration of the intellectual environment in the Archaeology Department and its complex relationship with the Anthropology Department of the National Museum.

The authors had not even seen the published article, when Castro Faria surprised Mello by unexpectedly entering his office, flapping the journal at him and asking loudly: “Are you going to dig a hole in the street now?!?” This sudden attitude was, rather than impertinence, a kind of warning by those who had written the first balance sheets on Brazilian archaeology and knew their settings and situational conditions very well — or the *state of affairs* (*Sachverhalt*) of Archaeology, as he liked to say. By acting in such a manner, Castro Faria embodied the role of the power structure and position within the institution and the Natural History Museum and its juncture; therefore, chances for successful project approval were very slim. Given the blatant power imbalance between the involved parties, the project at stake could seem like a “move” (GOFFMAN, 2009), a kind of excuse for a spurious affiliation to an established institution.

Although Castro Faria used to express histrionic resistance to novelty, he was not entirely unaware of the tempting ideas in industrial archaeology first introduced to Brazil in the 1970s, mainly conferences held by the *Brazilianist* Eddy Stols, Emeritus Professor at the Catholic University of Leuven, in Belgium, and by José Amado Mendes, former Professor of Economic History at Coimbra University. Mendes is acknowledged for his studies on the glass industry in Leiria, Portugal — operational since the first half of the 18th century — and its modernizing role under the reign of King John V.¹⁰

Aydil de Carvalho Preiss and Ismênia de Lima Martins, Castro Faria (full professor and one of PPGA-UFF founders) did not only attend the conferences, but also enthusiastically outspread their content among his colleagues and students. When the newly-founded PPGH-UFF welcomed the *flamand* historian as lecturer, Eddy Stols carried out a research program based on theoretical economic history frameworks to study Belgian capitalism and its expansion to neighboring countries. Some Belgian textile factories were coinci-

10. The authors would like to thank Professors Francisco Falcon (Emeritus Professor at UFF and UFRJ), Maria Célia Falcon (UFF), César Honorato (UERJ and UFF), Antonio Edmilson Martins Rodrigues (UERJ and Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro – PUC-RJ) and Aydil de Carvalho Preiss (UFF) for the information provided and for the discussions that enabled the revival of the industrial archaeology and economic history fields in Brazil, dated from the 1970s. Wagner Neves Rocha (UFF) also provided valuable assistance in the search for information and contacts regarding the aforementioned fields.

dentally found in the Brazilian cities of Niterói and São Gonçalo, in the industrial districts of Barreto and Neves. The research by Eddy Stols aimed at rebuilding urban spaces and restoring manufacturing processes through technological resources available in the 19th and early 20th centuries, such building canals, floodgates and sluices, and the large-scale use of metal for railway stations, ports, bridges, mills, silos, lighthouses, markets, galleries and factories.

Eddy Stols and his colleague Maria Célia Falcon (History professor at UFF), undertook an exploratory visit to these factories — many of which have already been closed — and to old industrial skeletons, after the industrial archaeology conference. This meeting fostered a lasting friendship between historians from Rio de Janeiro and the lecturer Eddy Stols, who returned to Brazil in other occasions. In 1994, he welcomed three colleagues from UFF and UFRJ in Brussels: Francisco Falcon, Maria Célia Falcon and Maria Yedda Linhares. Brussels was undergoing intense industrialization followed by deindustrialization processes, at the time, just like Lille, in Northern France; and Flanders, in Northern Belgium. These experiences helped understanding urban space transformations and their material testimonies in each phase of the Industrial Revolution.

In addition to the shelved project, why did the introduction of urban archaeology into Archaeology programs not succeed, after all? Even later on? What would be the issues, enjeux, losses and gains from the integration of both disciplines, if, according to the classic definition, archaeology preceded anthropology (HUDSON, 1976, p. 17)? The analysis of the field and its vicissitudes made it perfectly clear that archaeology has been the main attraction of the National Museum for decades, although without any kind of connection to graduate studies. Even when it was later institutionalized as discipline at universities, urban archaeology did not become a regular and mandatory subject in Archaeology undergraduate¹¹ or graduate

11. The first Archaeology Graduate Program of Brazil, no longer in operation, was founded by Osvaldo Heredia at *Estácio de Sá* Integrated Colleges in 1979, where the Archaeology Society of Brazil (SAB) was founded two years later. Since 2005, several undergraduate programs have been created in the country: three in the Northern region (Amazonas State University – UEA, Federal University of Rondônia – UNIR and Federal University of Western Pará – UFOPA), four in the Northeast region (Federal University of Pernambuco – UFPE, Federal University of Piauí – UFPI, Federal University of Vale do São Francisco – UNIVASF and Federal University of Sergipe – UFS), one in the Midwest region (PUC-GO), three in the Southeast region (UERJ, Federal University of Minas Gerais – UFMG and Metropolitan University of San-

programs.¹² Anthropologists have only recently worked in partnership with archaeologists and historians in environmental consulting projects and expert reports. Archaeologist Rossano Lopes Bastos (2015, p. 1-2)¹⁵ shed light on the implicit and explicit differences in the academic field during an interview:

While Archaeology is still considered a developing field in Brazil, Anthropology has already established a mature theoretical framework. This imbalance can be associated with the objects studied by each of them and the fact that Archaeology has developed more slowly in Brazil. If, on one hand, Anthropology was born within museums, Archaeology was born for museums. In other words, it was born to feed them with material culture and the noteworthy 'period of collecting'. While Anthropology leaves museums

tos - UNIMES) and two in the Southern region (Federal University of Pelotas – UFPel and Federal University of Rio Grande – FURG). It is worth mentioning that most of these programs have prospered close to archaeological sites, i.e., few hours away from archaeological sites, but distant from the established museum collections.

12. Since 1972, the Museum of Archaeology and Ethnology of University of São Paulo (MAE-USP) offers the oldest Archaeology Graduate Program in Brazil. Since then, it has also focused on offering master and PhD degree in Anthropology. In 2004, USP Museum created its own program. UFPE Archaeology Graduate Program was created in 2002, in partnership with Museum Foundation for the American Man (FUNDHAM). Four years later, the Archaeology Graduate Program (PPGARq) of National Museum of Brazil (UFRJ) and PPGAN/UFMG were created to offer Social Anthropology and Archaeology Programs. In 2008, UFPI created the Anthropology and Archaeology Graduate Program (PPGAArq). Two years later, Proarq (Laranjeiras *campus* at UFS) and the Anthropology Graduate Program (Federal University of Pará – PPGA/UFPA) — which focused the fields of Archaeology, Anthropology and Biological Anthropology — started their activities. The Anthropology Graduate Program – PPGAnt/UFPel was created in 2012, with focus on Social-Cultural Anthropology and Archaeology. Please refer to Bezerra (2008), Prous (2013) and Sousa (2015) for more details on this program.

13. Rossano Lopes Bastos holds a degree in Archaeology at Universidade Estácio de Sá (UNESA), is an expert in Prehistoric Archaeology at the National Museum, holds a master's degree in Geography at Federal University of Santa Catarina (UFSC) and PhD in Archaeology at University of São Paulo (USP). He has been an archaeologist at the National Institute of Historic and Artistic Heritage (IPHAN) since 1985 and was president of the Brazilian Archaeology Society from 2005 to 2007.

to the countryside and academia, Archaeology leaves academia and the countryside to museums.

[...] Archaeology and Anthropology are facing a time of increased tension without an effective and desirable approach able to foster cross-cutting contributions of mutual understanding and application. Unfortunately, Brazilian anthropologists still do not recognize Archaeology as a twin field, but as a bastard daughter. On the other hand, archaeologists have sought to establish Archaeology as independent field, although it is an extremely vast, inter- and transdisciplinary field that earned more recognition than Anthropology in the past.

Urban archaeology was associated with industrial archaeology in the period of respected differences and searched for legitimacy in the *hierarchy of artifacts*. These fields awakened the interest of economic history researchers, such as Eulália Maria Lahmeyer Lobo, who run research on industrial capitalism and labor context in Rio de Janeiro, as well as Bárbara Levy, who assessed the memory of the capital market. Eddy Stols and his colleagues Francisco Falcon and Antonio Edmilson Martins Rodrigues, together with his former student César Honorato, outlined an economic history project, which “did not prosper due to lack of institutional interest”.

Thus, industrial archaeology did not fully succeed in undergraduate and graduate History courses at the time, due to limited economic history studies that have marked the academic field during the 1970s and 1980s. This scenario was impaired by internal disputes between Marxist and quantitative approaches. Consequently, the discussion that had divided historians rendered two unfeasible opportunities: huge encouragement to economic history and the subsequent flourishing of industrial archaeology in Brazil, given the low price of this field in the academic market, at the time. Archaeology was minimally integrated to the architecture and urbanism fields - after it was rejected (for the second time) by education institutions -, as it was the only field interested in their empirical objects, such as industrial plants, historical buildings, machinery, routes and urban equipment.

After more than three decades, the opportunity to publish UAL project originals brought to light the discussed theoretical and methodological issues, which remain topical today, *vis-à-vis* the simplicity of the text. Therefore, the terminological *disclosure* in the project is also

an invitation to unveil the lost link of a field marked by disputes. Archaeologist Richard B. Woodbury (1974, p.533, authors' translation) highlighted the matter, as follows:

Archaeology can be defined as the Anthropology of extinct cultures. [...] Archaeology can also be considered as a series of specialized techniques to gather past cultural data, which can be assessed by anthropologists, historians, art critics, economists or any other specialist interested in human activities. This standpoint solves the challenge of determining whether Archaeology is Anthropology or History, and allows the integration of diverse and oftentimes incompatible ends to those that rely on archaeological data and conclusions. Archaeology's greatest contribution lies on its historical depth, as it completes the synchronic anthropological studies on societies from all parts of the world.

It is not uncommon for archaeology to be faced by the epistemological issue of puzzling methods and techniques within the human sciences field, given the diachronic variations on excavation methods. On the other hand, the emergence of urban archaeology as academic field evidences the coexistence of several temporalities in the same contemporary structure: the city and its building system.

Architect Beatriz Mugayar Kühl (2010, p. 26) highlighted the authors' essential position upon analyzing the conceptual discussion, problematization of timeframes and different categories of new industrial archaeology studies, as highlighted below:

The very use of the word 'archaeology' is yet another discussion-worthy issue, as this word had been the target of intense controversy throughout the 1970s and 1980s. Certain authors questioned the relevance of its use for studies that did not require 'traditional' archaeology methods (mainly excavations) and did not provide any material evidence of productive activity. Nevertheless, industrial archaeology can be broadly understood, as emphasized by Hudson, who highlighted the semantic breadth of the word 'archaeology' by associating it with past human-manifestations phases.

REFERENCES

- BASTOS, R. L. Arqueologia no Brasil: atualizando o debate. **Comunidade Virtual de Antropologia**, n. 39. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/466381345/Rossano-Lopes-Bastos-Arqueologia-No-Brasil-Atualizando-o-Debate>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BEZERRA, M. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 139-154, 2008.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n. 39).
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.
- GOFFMAN, E. Acalmando o otário: alguns aspectos de adaptação à falha. **Plural – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 195-211, 2009.
- HUDSON, K. **Industrial archaeology: a new introduction**. 3. ed. London: Baker, 1976.
- KÜHL, B. M. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, n. 3, p. 23-30, 2010.
- LA BARRE, J. de. O espaço carioca entre espetáculo e resistência. In: CUNHA, N. V. da; FREIRE, L. de L.; MARTINS, M. M.; VEIGA, F. B. (org.). **Antropologia do conflito urbano: conexões Rio-Barcelona**. Rio de Janeiro: Lamparina; LeMetro/IFCS-UFRJ, 2015.
- PROUS, A. As muitas arqueologias das Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, Diamantina, v. 2, n. 2, p. 36-54, 2013.
- SOUSA, J. C. M. de. Como se tornar um arqueólogo no Brasil: lista de cursos. **Arqueologia e Pré-História**, 19 dez. 2019. Disponível em: <http://arqueologiaeprehistoria.com/o-que-e-arqueologia/como-se-tornar-um-arqueologo-no-brasil>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Lições da rua: o que um racionalista pode aprender no Catumbi. **Arquitetura Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-79, 1983.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana? **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 2, n. 2, p. 46-50, jul./dez. 1984.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. S.; MOLLICA, O. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em centro de bairro**. 4. ed. Niterói: EdUff, 2017.
- WOODBURRY, R. B. Arqueologia: objeto. In: SILLS, D. L. (dir.). **Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales**. Madrid: Aguilar, 1974. v. 1, p. 533-540.

FELIPE BEROCAN VEIGA

PhD (2011) and master's degree (2002) and postdoctoral degree (2015 and 2011) in Anthropology from the Universidade Federal Fluminense - UFF. Undergraduate degree in Communication / Journalism (1997) from the University of Brasília - UnB. Adjunct Professor at the Department of Anthropology (GAP / ICHF-UFF) since 2015. Regular Professor at the Postgraduate Program in Anthropology at Universidade Federal Fluminense - PPGA / ICHF-UFF (since 2017). Researcher at the Metropolitan Ethnography Laboratory (LeMetro / IFCS-UFRJ) and at the Institute for Comparative Studies on Institutional Conflict Management (INCT-InEAC / CNPq).

MARCO ANTONIO DA SILVA MELLO

PhD in Anthropology (Social Sciences) from USP, with a Postdoctoral degree at the Département de Sociologie of the Université de Paris X-Nanterre; specialization in Social Anthropology at the Post-graduation program in the Museu Nacional - PPGAS / MN-UFRJ. Bachelor's Degree in Social Sciences Associate professor at the Department of Cultural Anthropology at the Institute of Philosophy and Social Sciences - DAC / IFCS-UFRJ since 1978. Professor of the Post-graduate Program in Anthropology at the Institute of Human Sciences and Philosophy - PPGA / ICHF-UFF since its foundation in 2004. Professor at the Department of Anthropology - GAP / ICHF-UFF (1976-2014). Coordinator of the Metropolitan Ethnography Laboratory (LeMetro / IFCS-UFRJ). Senior researcher at the Institute for Comparative Studies in Institutional Conflict Management (INCT-InEAC / CNPq).